

## Questão 2:

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases 9394/196, os estudos escolares devem ter uma base nacional comum a ser complementada por uma parte diferenciada, "exigida pelas características regionais, locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela". Por pertencer à parte diferenciada, é comum o fato de a escola dar ao tema diversidade cultural um lugar de pouco destaque, transversal e, inúmeras vezes, marginal. Normalmente, quando o tema é proposto nas reuniões pedagógicas, muitos professores tendem a minimizar a diversidade cultural à regional, como se não existissem outros aspectos relativos ao tema que sejam igualmente interessantes. Dessa forma, pode-se dizer que a escola acaba por não aproveitar a experiência social dos estudantes, não dialogando com as vivências efetivas dos sujeitos.

É sabido pelos profissionais da educação que não se pode ter a visão ingênua de que o currículo é um simples documento, no qual há uma relação de conhecimentos a serem transmitidos. Uma visão crítica do papel exercido pelo currículo evidencia o poder político e histórico desse instrumento. Produzido no contexto de poder, há também a produção de desigualdades na medida em que dita a diferença entre um conhecimento legítimo e um ilegítimo, entre o que é "certo" e o que é "errado", entre o que é "bom" e o que não o é. Assim, ao ditar quais <sup>são</sup> as vozes autorizadas, produz uma noção hegemônica do conhecimento, naturalizando, por conseguinte, a desigualdade.

Stuart Hall, em seu texto "A identidade cultural na pós-modernidade", defende que os movimentos sociais, intensificados após a segunda metade do século XX, foram e são de fundamental importância para o questionamento dessa dinâmica ocidental de preservação do poder. <sup>em</sup> Antes de isso, a ideia de identidade já existia. <sup>No entanto,</sup> pode-se dizer que, mesmo contemporaneamente, essa concepção é neutralizada pelo currículo nacional vigente. O que muitos movimentos sociais clamam é lutar para que as diversidades nos ~~em~~ currículos revelem as suas identidades dos sujeitos da aprendizagem, propondo o desafio da construção de práticas pedagógicas que revelem

a riqueza <sup>que existe na temática</sup> das ~~intencionalidade e da diversidade~~

Ào observarmos comunidades tradicionais, como as indígenas e os quilombolas, percebemos que elas possuem conhecimentos de diversidade nem sempre considerados pela escola, o que promove a marginalização de um importante nível de saber. Fato semelhante acontece com as artes produzidas pelas periferias. Recentemente, um político de São Paulo autorizou a "retirada" das pinturas de grafite de uma paisagem urbana muito frequentada na região. Tal atitude despertou polêmica entre moradores, visto que muitos apoiaram a decisão e outros não. A falta de valorização da arte grafitada revela o papel que a escola obtém em deslegitimar um conhecimento que é tradicionalmente associado às classes desfavorecidas. O movimento cultural que é marginalizado, até mesmo por professores de Português, é o "funk". Julgando esse tipo de arte como vulgar, muitos professores veem a oportunidade de trazer uma interessante problematização para a sala, seja para ensinar algum movimento literário ou para mesmo trabalhar com a forma e com o ritmo.

Uma das visões mais tradicionais, que persiste até hoje, sobre a função da escola é a de agente promotor da redenção do educando. Essa perspectiva persiste até mesmo os PCNs de Língua Portuguesa, ao defenderem que um dos objetivos do ensino dessa disciplina é a promoção da ascensão social por meio da língua. Marcos Bagno, em "Preconceito linguístico", ironiza esta concepção e afirma que, se assim fosse, os professores de Português ocupariam o topo da pirâmide social. Outra visão é que defende que o aluno deve estar preparado para o mercado de trabalho por meio do ensino da língua. Cabe a nós questionarmos esse modelo tecnicista, visto que a escola deve preparar o aluno para a vida, e a vida não <sup>se restringe</sup> ~~consiste~~ apenas ao ato de trabalhar. Sendo assim, é importante levarmos em consideração que tais fatos são muito efêmeros se a escola promover o exercício da autonomia do educando. Uma educação para a autonomia valoriza a diversidade nos currículos. Ao analisar as causas políticas, econômicas e sociais de problemas, tais como o ~~te~~ etnocen-



Trismo, ~~exatidão~~ e mesmo a homofonia, educamos para que haja a ~~realização~~ <sup>realização</sup> da cidadania. A educação não se efetua quando a terra é um instrumento de luta pela fim das desigualdades.

Portanto, precisamos construir o conhecimento, junto aos alunos e às alunas, de que as diferenças ultrapassam as características observáveis a olho nu. Os aspectos físicos foram aprendidos a ser vistos como diferentes porque, como sujeitos sociais, nos contextos da interação em uma cultura, assim ~~identificamos~~ <sup>identificamos</sup> parte à escola colocar em xeque as formas dominantes de saber, de olhar o mundo para que o impacto subjetivo do não reconhecimento deixe de provocar desumanizações. Todo processo de luta pelo direito é tenso, mas devemos de tentar.

Questão 1:

Uma interessante possibilidade de articulação entre as temáticas abordadas no ponto "Linguagem e diversidade cultural: oralidade e escrita" é dada por meio da variação linguística, visto que, ao chegar ao 8º ano, o(a) aluno(a) já possui alguns conhecimentos sobre o assunto em vias de construção.

Minha proposta para a primeira aula dupla é ~~de~~ dividir a turma em quatro grupos para que cada um dialogue com uma música diferente. As músicas relacionadas para essa aula são "O samba do Brasil", cantada pelo grupo musical Demônios da Bouca, "Mutil", cantada pelo Ultraj, a rigor, "Lutelinho", interpretada por Nara Leão e "Lhopis lento", música performada pelos Mamonas Assassinas. Nessa primeira atividade, desenvolver várias atividades de leitura e análise do plano da expressão e do plano do conteúdo por meio de provocações, dentre as quais: a) Como o uso da língua portuguesa é manifestado nos textos? b) Quais são as intenções estéticas prescritas nos empuxos da oralidade nos textos? c) Quais são os grupos sociais que "falam" nas músicas relacionadas? Sendo assim, o primeiro movimento é o de entendimento da estilística textual. Antes de responderem a essas <sup>outras</sup> questões, os alunos deverão ouvir as músicas trazidas pelo professor e perceber de que forma a performance artística dos cantores



Contribui para a interpretação dos fatos temáticos e formais do texto. Já na segunda aula dupla, o foco passa a ser a análise de fatos da linguagem. Em um movimento epilinguístico, defendido pelos PCNs, os alunos devem adotar uma postura científica, com a ajuda do professor e dos estagiários, de observação, análise e descrição de ocorrências relacionadas a casos simples de concordâncias verbal e nominal. O principal objetivo dessas ocorrências deve-se ao fato de ser comum nos currículos de 8º ano a aprendizagem sobre verbos. Além disso, nesta etapa, é comum também que os (as) alunos (as) já tenham aprendido a análise morfológica. Desta forma, a aprendizagem pode ser dada em um movimento epilinguístico, como preconiza os PCNs. Um dos objetivos dessa aula é fazer com que os sujeitos percebam que o que é considerado "erro" pela gramática tradicional é uma ocorrência sistemática e que, portanto, obedece às regras de uma gramática de funcionamento social. Essa anomalia descrita pelos grupos pode ser corroborada ou não pelo uso que os sujeitos fazem de omisso e implícito em suas produções.

Por fim, na terceira etapa, deve ser dada continuidade às tarefas anteriores em um processo de produção de textos orais e escritos. Nessa terceira aula dupla, cada um dos quatro grupos deve apresentar um seminário de, aproximadamente, vinte minutos sobre o que foi feito nas duas primeiras aulas duplas para que os demais grupos tomem ciência da ~~estrutura~~ <sup>construção</sup> daquele conhecimento e possam colaborar com a atividade, fazendo importantes considerações ao final da apresentação. Essa atividade é interessante, não somente porque favorece a construção de textos orais, mas também porque ensina que o silêncio faz parte da interação. <sup>Publicar</sup> ~~Exercícios~~ gêneros orais, segundo os PCNs, possibilita o acesso a usos mais formalizados da linguagem e que exigem controle, além de fazer com que os sujeitos da aprendizagem percebam a importância da palavra pública no exercício da cidadania. Para finalizar, a atividade de escrita de um relato pessoal pode ser pedida. Essa atividade pode ser individual ou em grupo, conforme os critérios do professor. Nela, os grupos devem correlacionar a aprendizagem das atividades anteriores com a questão da diversidade cultural que permeia os tópicos de variação



~~Linguística~~ <sup>relato</sup> também podem ser colocadas as principais dificuldades que o grupo apresenta, para que o professor possa ter um diagnóstico registrado e refletir sobre ele em um movimento de ação-reflexão-ação. Cabe destacar que a avaliação dessas três aulas duplas deve ser dada durante todo o processo de planejamento, sem hierarquizações. A conexão do relatório deve resgatar o conhecimento intuitivo do aluno e o que ele sabe sobre seu mundo. Desta forma, o professor permite que o aluno se aproxime da língua seja por meio de participação política, em uma luta contra a desigualdade.

### Questão 3:

Todo professor, para chegar ao nível de formação a que chegou, precisa passar pelo estágio, em duas etapas de observação e de intervenção. A segunda etapa varia de universidade para universidade. Enquanto algumas vivem ao nível de planejamento e execução da prova-aula, outras priorizam a elaboração, execução de um projeto em aula em alguma dificuldade que os <sup>os</sup> alunos (as) enfrentam ao longo do processo de aprendizagem. É importante afirmar que, independentemente da metodologia preconizada pelo professor universitário, cabe ao professor resgatar um exemplo de que a teoria e a prática podem e devem caminhar na mesma direção.

Durante, aproximadamente, um semestre letivo o estágio de observação é feito. Nessa etapa, é fundamental que o professor resgate estas relações com seus estagiários, a fim de que a atividade seja a propulsora da parceria que irão desenvolver juntos. Segundo Paulo Freire, em "Pedagogia da autonomia", o afeto permite ~~o~~ <sup>o</sup> auxílio e conhecimento, que, em um estágio de aplicação, nunca deve ser uni ou bilateral. Assim, o entendimento inegável de que o estagiário está presente, em sala para "criticar" a prática pedagógica deve ser resgatado para que uma importante parceria seja construída.

Ainda nesta etapa inicial, cabe ao professor resgatar o

Inúmeros de que a prática honrada deve ser dividida somente entre as aulas que o estágio passa em sala. Assim como o estágio de aplicação visa à autonomia do alameda, deve também promover a autonomia dos licenciandos em livros a partir de tarefas pertinentes ao campo de atuação docente. Leitura de provas, preparação de parte das aulas, elaboração de projetos, participação em eventos da escola, auxílio às monitorias são alguns exemplos de que os estagiários podem fazer. <sup>para a supervisão do professor</sup> É muito comum o profissional, ao chegar ao mercado de trabalho, sentir dificuldades em tarefas pertinentes ao cotidiano escolar. Essas dificuldades poderiam ser superadas antes, caso o estágio fosse realmente uma introdução à prática pedagógica em sua integralidade.

A temática da diversidade cultural, assim como outros temas transversais, deve ser trabalhada em todas as aulas, e não somente em projetos que tenham alguma culminância. Assim como educar é dar voz ao outro e encorajá-lo a manifestar-se, o estagiário deve também participar dos mesmos avaliativos no cotidiano escolar. Inúmeras vezes, o professor está preocupado com a construção do conteúdo, que não permite os movimentos subjetivos presentes na relação. Como um bom observador, cabe ao estagiário participar desse diálogo, se possível, preenchendo as lacunas que são pontos em qual quer relação, a fim de auxiliar ~~na~~ <sup>na</sup> des quebra da hierarquia presente em uma aula tradicional.

Tendo observado importantes avanços do processo educativo, cabe ao licenciando em livros e livros em prática o que já havia elaborado antes, mas agora com a supervisão do professor universitário. A temida "nova-aula" deve ser na verdade, na culminância de sua participação no estágio. Além disso, a aula deve ser contextualizada e coerente com sua participação ao longo do processo, no qual oralidade e escrita foram desenvolvidas a partir da relação com o outro.

Portanto, cabe ao professor refletir sobre um papel entre as teorias aprendidas na universidade e a prática para que haja, de fato, a transformação social pretendida pela LDB e pelos PCNs.

A Mim como a prática do professor, a do estudante deve ser de ação - reflexão - ação, para que sua presença em sala não seja estática, mas dinâmica, como todo e qualquer ambiente de aprendizagem deve ser.